

“MANDA, QUEM PODE; OBEDECE, QUEM TEM JUÍZO!”
Apontamentos sobre as relações de poder nas famílias dos patriarcas
(Gn 16,1-16; 21,8-21 e 38,1-30)

Lília Dias Marianno

Introdução

Ao longo dos séculos, as relações familiares têm sido marcadas por uma eterna disputa pelo poder. Se olharmos, mesmo hoje, para a família brasileira, veremos que nada mudou. Na corrida pelo poder, onde se chocam pais x filhos, é inevitável encontrarmos, também, a disputa entre homens e mulheres.

Durante o exercício de uma leitura feminista das Escrituras, é muito fácil cair na tentação da generalização, e pensar que tudo o que está registrado na Bíblia, principalmente no Antigo Testamento, é fruto de um contexto androcêntrico ou patriarcal. Assim, a tendência da leitura parece já caminhar pela via da disputa pelo poder entre os gêneros.

Todavia, é importante atentarmos para o fato que, uma coisa é o evento em si, que gerou uma tradição oral e que por fim tornou-se um escrito. Outra coisa é o processo de produção do próprio texto. O processo de redação está muito mais impregnado de patriarcalismo do que os eventos geradores destes textos. Mesmo na Antigüidade, houve momentos de forte atuação feminina dentro da família e da sociedade e, até mesmo, supremacia das mulheres em algumas culturas¹. Estas atuações foram transformadoras, mudaram rumos da história!

É disto que queremos tratar neste artigo. Relações de gênero dentro da família pré-israelita, em tempos muito Antigos, e que são temáticas de textos bíblicos redigidos num período de transição ou de dominação patriarcal. Nosso objetivo é mostrar como os redatores tiveram problemas para emudecer algumas mulheres que a tradição não quis que se calassem. E para isto não existem casas melhores para o estudo do que as famílias de dois ícones no judaísmo: Abraão e Judá.

Não temos qualquer pretensão de realizar um estudo exaustivo. Não há espaço para tal e nem mesmo o texto bíblico nos favorece a tal ponto, mas alguns apontamentos merecem destaque.

Sobre a datação das perícopes

As perícopes que queremos analisar têm origens diferentes e camadas diversas. Em Gn 16 encontramos pelo menos três camadas (javista, eloísta e acréscimos do

1. MEYERS, Roots ..., p. 1-3.

pós-exílio), em Gn 21 há pelo menos duas. Já Gn 38 parece ser mais homogênea, com uma possível origem javista.

O debate que tem se ocupado em revisar a teoria das fontes ainda se faz presente, mas podemos trabalhar com certa margem de segurança com algumas de suas conclusões. A principal é que, tais narrativas encontram-se num bloco temático, que teria sido compilado num período tardio do exílio na Babilônia ou num período imediatamente posterior ao mesmo, mas em Judá².

Podemos usar esta conclusão como ponto de partida para as datações das perícopes. Todavia, não podemos esquecer que as perícopes são frutos de tradições muito mais antigas do que elas próprias. Elas têm mais a nos falar do que os blocos narrativos ou as camadas das diferentes fontes porque, devido ao seu vínculo fortíssimo com a tradição, nem sempre puderam ser modificadas pelos poderosos.

“Falamos de perícopes, quando estamos diante de unidades literárias em si completas e autônomas, sendo sua vinculação ao contexto, no geral, de caráter secundário [...] unidades literárias pequenas não são a expressão típica de instituições como Estado ou templo [...] porque a força do clã e a penetração das manifestações culturais populares eram tamanhas que escribas de centros culturais ou nacionais passaram a anotá-las em suas formas originais, sem chegar a retrabalhá-las e refundi-las na linguagem mais característica dos templos ou outras instâncias nacionais [...]. A dinâmica social que produziu perícopes literárias deve integrar nossa hermenêutica de re-apropriação e atualização de tais escritos. Se os dissociarmos de suas origens, talvez corremos o risco de entregá-los de mão beijada aos detentores do poder”³

Não querendo entregar as narrativas “de mão beijada aos detentores do poder”, privilegiaremos a autonomia das perícopes de Gn 16,21 e 38 e o contexto histórico-social dos eventos e da redação dos textos.

O “triângulo amoroso”: Sara – Abraão – Agar; que situação complicada!

As narrativas de Gn 16 e 21, 8-21 nos são conhecidas. Nelas estão contidos os principais eventos da vida de Agar, a escrava egípcia entregue por Sarai à Abraão para, a partir dela, constituir descendência.

Os papéis sociais destes personagens tem algo nítido a nos informar sobre as relações de poder no período em que as tradições se transformam em textos: Abraão é homem, o patriarca, chefe do clã, figura de destaque numa cultura patriarcal. Sarai é mulher, a esposa do patriarca, que tem proeminência sobre a outra mulher. Agar é mulher, é negra, é escrava, e mais: escrava de mulher, o que a deixava numa espécie de

2. ZENGER, *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 81. A discussão é bastante trabalhada por diversos autores em: DE PURY, *O pentateuco em questão*, além de CRÜSEMANN, *A Tora*.

3. SCHWANTES, *Interpretação de Gn 12-25, Estudos Bíblicos.*, n. 1, p. 36-37.

marginalização até mesmo entre os escravos. Schwantes chama de “etapa final da espoliação”⁴.

Com esta diversidade de papéis, os interesses de cada um dos integrantes deste “triângulo” são diversificados. O que Abraão não quer é que seu nome se extinga na história da humanidade. Sarai que ser reconhecida pela sua função social em Canaã, cultura patriarcal, diferente de Mesopotâmia, de onde veio. Agar deseja somente ... ser útil? Uma tradição diz que Agar teria sido filha do faraó. Se considerarmos a força desta tradição podemos imaginar que Agar era uma princesa e poderia ter outros interesses, talvez até uma vingança contra o pai que a presenteara como escrava... O que sabemos é que a antiga civilização egípcia é famosa pela forma como concedia direitos à mulher dentro da sociedade e Agar agora não tem direito algum.

Quem manda é a “patroa” ... ou não?

As narrativas sobre Agar nos fornecem um quadro um pouco atípico de um contexto patriarcal. Neste, é de se esperar que a voz masculina exerça função determinante e a mulher apareça sempre emudecida/secundarizada. Mas o texto bíblico, por duas vezes, traz a voz feminina exercendo o discurso dominante, e justamente sobre o patriarca mais importante de Israel: o pai Abraão!

Segundo a narrativa, quando Sara presenciou Ismael brincando (Gn 21,9), exigiu que Abraão se livrasse da escrava com o filho, para que Ismael, sendo o primogênito, não tirasse a herança de Isaac (21,10). Mas esta não foi a primeira vez que a voz ativa de Sara foi determinante na casa patriarcal. Em 16,2 a voz de Sara também se fez prevalecer. Foi ela quem determinou a descendência através da serva.

Muitos têm interpretado esta intervenção de Sara como “insubmissa”, precipitada, causadora de grandes males e responsável pela inimizade entre os povos descendentes de Ismael e de Isaac. Todavia as bênçãos de Yahweh sobre Agar, tanto na fuga (Gn 16) quanto no desterro (Gn 21), nos mostram que, os descendentes da “precipitação” de Sara foram por Yahweh tão benditos e multiplicados quanto o foram os descendentes de Isaac. Será que o “incidente” Ismael foi realmente um “acidente”, fruto da “precipitação” de Sara, ou até que ponto esta “precipitação” foi ferramenta de Yahweh para a formação de outro povo numeroso, descendente do mesmo Abraão? Como diz o autor de Romanos: quem conheceu a mente de nosso Senhor?

Em diversas ocasiões no texto bíblico, quando um servo aparecia transgredindo uma norma, Yahweh enviava um mensageiro para lhe reprovar os passos. Abraão não parece, em momento algum no texto bíblico, sendo reprovado por ter cedido à “precipitação” de Sara e nem a própria Sara é repreendida por ter tomado a iniciativa. As hermenêuticas mais tradicionais sobre estes textos é que têm perpetuado a idéia de que Sara foi condenável e que a descendência de Ismael era um “acidente de percurso” nos planos de Yahweh.

4. Ibid.

Embora seja comum encontrarmos, nos episódios sobre os patriarcas, a bênção do pai sobre seus filhos, a ausência da bênção de Abraão sobre Isaac e Ismael incomoda. Mas Yahweh proferiu bênção sobre estes filhos, a ambos, primeiramente a Ismael e depois a Isaac. É um erro terrível ignorarmos ou fazermos “vista grossa” para a bênção de Yahweh sobre a descendência de Ismael. Ela está ali tanto quanto a bênção sobre a descendência de Isaac.

Sobre Ismael foi proferida a bênção de Yahweh em duas ocasiões, lembra-nos até a bênção dobrada que deveria ser proferida para o filho primogênito (de acordo com Dt. 21:15-17). Os motivos que levaram Sara a exercer “voz de comando” nestas questões são intrigantes mas nem tanto. Sua própria fala denuncia a questão que está por trás. Em Gn 16 é o medo de que a descendência não exista (16,2a) e em Gn 21 é o temor de que o herdeiro primogênito leve tudo o que é do herdeiro caçula. É pouco provável que se trate de zombaria de Ismael para com Isaac, como muitas traduções em português desejam transmitir. Embora esta possibilidade de tradução também exista, ela não deveria ser a determinante. Mesmo que verbo *mesahéq*, no Piel, tenha conotação negativa, só aparece novamente com a mesma construção em Gn 26,8, outro episódio onde duas pessoas que se gostam estão se divertindo. Além do mais as questões de crítica textual deste verso nos levam na direção de uma intensa amizade, tornando adequado descartar a possibilidade de inimizade entre os dois irmãos⁵.

Sarai – esposa ou sacerdotisa?

Mulheres deste período-longínquo da história possuíam mais atuação na vida religiosa da família e do clã do que se costuma supor. Alguns estudos têm demonstrado a proeminência feminina na vida cônica do clã, principalmente em relação às mulheres que vinham da Mesopotâmia, como: Sara, Rebeca, Raquel e Lia. Os relatos de Gn foram transformados em literatura num período no qual o patriarcalismo já era fato e refletem esta cultura, mas a história dos povos vizinhos testemunha que as mulheres exerciam funções sacerdotais⁶.

Nestes estudos afirma-se que, mulheres que exerciam papéis de sacerdotisas optavam por não terem filhos. Assim, a “esterilidade” das matriarcas de Israel pode não ter sido acidental ou “divinal” mas sim, provocada pela função religiosa destas mulheres no clã, por sua vez compatível com as funções sacerdotais que exerciam em sua terra natal. Quando estas sacerdotisas precisavam gerar herdeiros, o natural era o uso da escrava, isto era previsto pelo Código de Hammurabi (seção 146)⁷, e esta cena já nos é familiar.

Desta forma, podemos saudavelmente suspeitar que, em tempos da pré-história israelita, quem “mandava”, em muitos aspectos da vida do clã, era a mulher e não o ho-

mem, principalmente no contexto da família de Abraão, pois Sarai, depois chamada Sara, era mulher influente na Mesopotâmia e tentava ajustar-se à cultura de Canaã.

E a escrava, manda em quê/quem?

O que mais nos chama atenção é a “virada radical” embutida na narrativa bíblica, que transformou uma escrava “insignificante” na matriarca de um povo forte e numeroso. Houve um momento de tensão no qual a mudança de status da escrava se fez perceber pela matriarca do clã. Esta mudança aconteceu a partir da sua gravidez.

Quando analisamos reproduções de afrescos do antigo Egito, percebemos um pouco do cotidiano das escravas egípcias deste período da história⁸. Eles nos mostram que a grande maioria das servas egípcias, que atendiam às mulheres da corte, eram meninas. Elas trabalhavam como dançarinas, instrumentistas musicais, recepcionistas das visitantes, e como uma espécie de esteticista de suas senhoras, na função de amas, ocupando-se com o cuidado dos cabelos (as trancinhas e a hena!), com a cosmética, as vestimenta e adornos, mas geralmente as escravas não usavam roupas. Podemos perceber uma idade que variava entre 10 e 15 anos de idade. Se a suspeita de alguns autores estiver correta, de que Agar teria sido presenteada a Sara durante os eventos narrados em Gn 12,10-20, podemos imaginar que Agar era uma menina quando foi morar com Sara. Uma mocinha entrando na puberdade.

Ainda estamos pesquisando o processo de migração destas amas para uma outra cultura mas imaginamos que, se Agar mantinha os hábitos de vestimenta das escravas de sua terra, o simples trajar de Agar (ou nudez!) poderia causar alvoroço entre os pastores do clã. Principalmente porque a menina teve o corpo transformado para corpo de mulher, e mulher grávida, com todas as alterações hormonais que este “estado interessante” consegue provocar. A beleza da gravidez da jovem escrava Agar era uma afronta à esterilidade da velha senhora.

Podemos tentar nos colocar no lugar de Sarai. Sentindo-se afrontada pelo rebuliço que o passear da escrava grávida causava no acampamento, ofendida pelo simples cruzamento de olhares com a serva (Gn 16,4). Quem sabe até tomando iniciativas de tentar cobrir aquele belo e jovem corpo grávido com roupas pesadas e por fim, passando a maltratar fisicamente a serva (Gn 16,6), que acabou fugindo.

O estado de Agar agredia Sarai. Ele comunicava, numa linguagem muda, a mudança de papel: de escrava à poderosa mulher, grávida, concubina e mãe do único filho do chefe do clã, algo que Sarai, por mais que fosse proeminente como esposa do patriarca, não era. Afrontava porque, em sua fertilidade mostrava que a pobre era superior à rica, a serva era superior à senhora, a escrava “valia mais” do que a princesa. O poder mudara de mãos! A gravidez, imposta a Agar por Sarai, fez com que Agar passasse a

5. Com mais detalhes em MARIANNO, Lília. Os/as estrangeiros/as dizem..., na nota n. 4, p. 47.

6. TEUBAL, Sara e Agar: matriarcas e visionárias..., p. 259-275.

7. Talvez isto justifique o interesse de Raquel pelos ídolos do lar e a disputa com seu pai pela posse dos mesmos, narrado em Gn 31,18; 30,32-35. Sobre o Código de Hamurabi, ver TEUBAL, p. 260-261.

8. Esta informação pode ser conferida eletronicamente através dos seguintes sítios: Ancient Egyptian Pictures Gallery do History Link: http://historylink101.net/egypt_1/pic_wall_paintings_10.htm, Oriental Museum da Universidade de Durham UK: <http://www.dur.ac.uk/oriental.museum/gallery/egypt/index.php>, e do acervo pictográfico do Discovery Channel: <http://www.cxn.ca/egypt/thumbs.asp?cat=Art>.

mandar, mandar no destino da família! Que situação interessante! Mas não paramos por aqui.

Tamar a “viúva negra” da casa dos patriarcas

A narrativa é curiosa. Tamar foi a jovem Cananéia, escolhida por Judá para ser a esposa de seu primogênito Her⁹. Segundo a narrativa, por ser um homem perverso, Her foi morto por Javé (v. 6). Os costumes antigos que deram origem à lei do cunhado (Dt 25,5-10), diziam que o filho seguinte deveria desposar a viúva do irmão mais velho para perpetuar o nome do irmão¹⁰. Mas parece que Her não contava com a simpatia nem mesmo de Onã. “Toda vez que possuía a mulher do seu irmão, derramava o sêmen no chão para evitar que seu irmão tivesse descendência” (Gn 38,9). Onã também morreu e Sela era apenas um menino, por isso Judá ordenou à sua nora que permanecesse em “vestes de luto” (v. 11) morando na casa de seu pai até que o rapaz crescesse.

Estamos lidando com a sociedade cananéia, na qual o valor da mulher era atribuído unicamente pela sua capacidade de procriar. Enquanto Tamar não tivesse filhos ela não teria qualquer importância na sociedade¹¹. Olhando por este ângulo entendemos que, muito mais que uma rebeldia contra seu pai, irmão mais velho ou costumes da época, a atitude de Onã constituía-se na transgressão do direito mais importante das mulheres de então: gerarem filhos. Isto nos faz calcular, por exemplo, quão pesado foi o jugo infligido por Judá a Tamar, quando ele ordenou que ela guardasse a viuvez na casa do pai dela, ao invés de permitir que se casasse com outro homem. Afinal, Judá também dependia de Tamar para fazer perpetuar seu próprio nome.

“A viúva sem filhos podia permanecer unida à família de seu marido pela prática do levirato. Na falta de levir, ela podia voltar a contrair matrimônio fora da família [...] nesse ínterim, voltava a habitar com seu pai e com sua mãe (Rt 1,8; Gn 38,11; cf. Lv 22,13), mas a história de Tamar mostra que seu sogro conservava certa autoridade sobre ela” (Gn 38,24).¹²

É por isso que a atitude de Tamar foi tão corajosa. Ela simplesmente desafiou o controle do chefe do clã. Ao ver que Sela crescera, que seu sogro não cumprira o prometido e pior, ela continuava sem filhos e obrigada a portar-se como uma viúva, Tamar reagiu! Ela não lutou apenas para perpetuar o nome de seu marido, ela lutou por si mesma! Removendo seus ornamentos, vestidos característicos da viuvez, e disfarçando-se, vestiu outra roupa cobrindo o rosto com um véu. Como viúva provavelmente ela já usava algum véu mas ela mudou o véu do luto.

9. Lembrando que os canancus eram descendentes de Cam e Canaã, o mesmo ancestral dos povos africanos, podemos considerar a forte possibilidade de Tamar também ser uma mulher negra.

10. Era a lei que obrigava um irmão a casar-se com a viúva do outro a fim de perpetuar-lhe a descendência. Ela consta no Código Deuteronomico (Dt 12-26), entretanto, a própria saga de Tamar, sendo mais antiga que o código, aponta para tempos bem anteriores. CRÜSEMANN, *A Tora*, p. 283-301.

11. LOPEZ, *Corpos (i)maculados ...* p. 55-75.

12. DE VAUX, *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, p. 63.

O texto não diz se ela tinha a intenção de se parecer com uma prostituta, diz que Judá a confundiu com uma. A suspeita hermenêutica nos leva a pensar que, talvez Tamar tenha se disfarçado apenas para não ser reconhecida na cidade. Quem sabe seu disfarce era apenas para ter a oportunidade de sair de casa, surpreender seu sogro no caminho para a tosquia (v. 13) e cobrar-lhe a dívida de ser dada como esposa a Sela (v. 14). Afinal, enfrentar um chefe de clã não era uma aventura para qualquer mulher. O que sabemos é que não havia prostitutas naquele contexto (v. 21) e vestir-se como uma chamaria a atenção de qualquer pessoa da cidade. Além do mais, o véu era usado para muitos fins. Prostitutas poderiam ser encontradas em diversos lugares, mas dificilmente na entrada da cidade, a entrada da cidade tinha outras funções civis.

Uma disputa jurídica entre nora e sogro

Ela sentou-se à entrada de Enaim (v. 14). A entrada das cidades era o lugar onde tradicionalmente se julgavam as causas. Neste caso as mulheres tinham direito de fazer acusação pública¹³. Tamar tinha uma demanda com Judá e ali estava para dar uma solução à questão. O desfecho, porém, foi surpreendente: Tamar foi confundida com uma prostituta, talvez uma prostituta cultural (v. 15-16. 21-22) justamente por seu sogro Judá, que a desejou e a possuiu. Em tempos de tosquia, muito vinho... Judá poderia estar meio embriagado, mas a relação que se estabelece é comercial, o que sugere um acordo entre uma prostituta cultural e um homem¹⁴.

Confundida com um objeto de uso dos homens a viúva desprezada usou seu sogro para consumir seu direito de ser reconhecida na sociedade através da maternidade. Tamar não era mais uma juvenzinha. Os anos passaram e ela amadureceu. Na maturidade percebeu que não podia ser culpada pela morte dos dois filhos de Judá. Não aceitou mais a pressão moral que era exercida sobre ela pelos possíveis boatos da comunidade que a reputavam como uma espécie de “viúva negra”, uma vez que até o sogro tinha medo de entregar o caçula para preservar a posteridade da família (v. 11).

O que aconteceu depois já sabemos. Ela engravidou, e no momento que a notícia chegou aos ouvidos de Judá, a sentença foi: “Tragam-na para fora e queimem-na viva!” (v. 24). Este castigo tem algo mais a revelar. Talvez Tamar fosse filha de algum sacerdote pois, de acordo com a lei judaica, somente uma sacerdotisa recebia a punição de ser queimada viva (Lv 21,9), caso contrário seria apenas apedrejada¹⁵. Foi então que Tamar revelou seu segredo: “Estou grávida do homem que é dono destas coisas” (v. 25).

Tamar trocou de roupa, trocou de papel! De viúva desprezada e sem filhos à “justiceira”, que tinha sob as mangas o cajado (o apoio para a viagem e para as funções de pastor) e o selo (o brasão da família). A justiça de Tamar tinha nome e sobrenome: Farés e Zara, filhos de Judá, pastor de ovelhas e chefe do clã. Ela teve dupla recompensa: Perez e Zerá, os gêmeos, tal como a avó de seu sogro, Rebeca. Os gêmeos tiveram um difícil

13. CRÜSEMANN, *A Tora*, p. 355.

14. PEREIRA, *Maria vai com as outras*. p. 30 e 31.

15. AVRIL, *As mulheres judias ...* p. 164.

nascimento (v. 27-30). Quem sabe o que é parir tem noção do que seja um parto normal no qual duas crianças disputam para ver quem sai primeiro. Parto doído, sofrido.

Tamar, mulher de várias dores tornou-se mãe dos judeus. Seu papel na história do povo é inegável. Graças a ela, Judá teve descendentes. Ficou em pé de igualdade com os patriarcas, pelo menos é o que atesta a releitura rabínica desta personagem feita no primeiro século de nossa era no Livro das Antigüidades Bíblicas¹⁶. Tamar é chamada por Filo de “nossa mãe”, expressão utilizada para descrever alguém com a proeminência de Débora (Jz 5,7) ou ainda mais: “nosso pai Abraão”!

Quando os redatores precisaram abrir a boca de Sara, Agar e Tamar

Vimos no princípio que, em se tratando de redação, as nossas perícopes são produto-final do pós-exílio. Rute, um outro escrito que exalta Tamar, também é fruto desta época.

Em algum momento deste período estava acontecendo um conflito social de grandes proporções em Judá: a ordem de expulsão das esposas estrangeiras com seus filhos (Esd 9,1-10,44 e Ne 13,23-31), algo que aconteceu porque, de acordo com as lideranças, os judeus contrariaram a lei (Dt 23,2-9) casando-se com as estrangeiras.

Nesta época houve uma pressão muito forte das lideranças (Esd 9,6-15), para que as mulheres estrangeiras fossem retiradas da congregação. Estas mulheres com seus filhos e filhas mestiços (as) representavam uma ameaça à identidade promovida através do projeto de reconstrução nacional idealizado pelas lideranças¹⁷.

A despeito do desmantelamento social causado por este divórcio em mais de cem famílias (Esd 10,18-43) (lembrando-nos que a família sempre fora a base da sociedade israelita), pretendia-se mostrar que a expulsão destas mulheres e a ruptura destas famílias era a vontade de Yahweh para seu povo. Aqueles não fizessem isto seriam expulsos da congregação dos filhos de Israel (Esd 10,7 e 15). Mas será que Yahweh estava de acordo com isto?

Neste sentido, os redatores oriundos de um contexto patriarcal, precisaram abrir a boca de Sara, talvez porque a força da perícopa nunca a tenha emudecido de fato, mas principalmente para legitimar a exclusão das esposas estrangeiras. Ninguém melhor que Abraão para dar o primeiro exemplo. Talvez por esta razão, quando pareceu mal aos olhos de Abraão uma atitude tão cruel, Yahweh mostrou-se aprovando a ordem de Sara, para que Abraão não parecesse estar submisso à sua mulher, antes submisso a Yahweh. Mas se Yahweh aprovou o procedimento de Sara, porque enviou seu mensageiro ao deserto para resgatar e abençoar novamente a Agar e a Ismael?

Suspeitamos, então, de um arranjo redacional que acabou sendo um “tiro que sai pela culatra” pois um círculo patriarcal e etnocêntrico de redatores, precisando de uma

experiência teológica para legitimar a expulsão das esposas, não conseguindo anular a força da tradição que gerou a perícopa e terminou colocando a voz imperativa na boca da mulher.

Para atenuar a discrepância social da narrativa, e não colocar Abraão submisso à voz de Sara, sai da boca de Yahweh uma palavra de confirmação da ordem, que só “pi-orou” tudo e, ao invés de “tirar o peso da consciência de Abraão” acabou endossando a idéia da mulher. O problema é, se Yahweh abençoou o despejo de Agar, como pode, agora, abençoá-la no deserto?

Parece-nos que os redatores não conseguiram eliminar esta incongruência e terminaram deixando certas “impressões digitais” de uma tentativa de manipulação do texto. Mas como foi dito no princípio, a perícopa não conseguiu ser manipulada com a roupagem do templo e do nacionalismo que fomentava a reconstrução nacional. Prevaleceu a bênção de Yahweh sobre o primogênito de Abraão.

Conclusão

Quando pensamos em Agar e Tamar, encontramos-as em situação inicial de total desvantagem social. Eram jovens, estavam dependentes das ordens dos chefes do clã, estes, por sua vez, haviam “esquecido” dos direitos das mulheres mais jovens do clã. Aparentemente as mulheres mais velhas não tinham coragem de romper com o sistema, para elas deveria ser mais fácil consentir do que reagir. É impressionante que Sara não rompe com o sistema, ela prefere a inimizade com Agar. Tamar, por não ter sogra há tempos, segundo o texto bíblico, não parece ter alguma relação com outra mulher mais velha. Talvez sua mãe, na casa de seu pai.

Não estamos tentando fazer, neste artigo, uma apologia às mulheres insubmissas. O que queremos destacar é outro ponto: quando a força patriarcal mostrou-se negligente com os direitos de gente mais fraca, mulheres, ou filhos “bastardos”, Yahweh interveio! Ficou registrado na Escritura Sagrada que estas mulheres exerceram certo controle nestas situações críticas. Quando Sara e Abraão foram injustos com Agar, Yahweh partiu em socorro da escrava. Quando Judá foi injusto com Tamar, Yahweh permitiu que ele fosse preso pelo próprio laço.

O que queremos mostrar é que, por algum motivo, que extrapola o controle humano sobre o texto bíblico, nenhuma destas mulheres, por mais que elas fossem um problema para os patriarcas, ficou anônima. Agar tornou-se a matriarca de uma forte e poderosa nação. Tamar foi a ancestral importante do povo judeu, e seu nome está lá, abrindo espaço entre os homens, integrando as genealogias de ícones do judaísmo e do cristianismo: Davi e Jesus.

Agar e Tamar durante nove meses exibiram o ventre redondo, o troféu de Yahweh para estas mulheres excluídas e maltratadas. Tamar por resolver o problema de seus direitos, decidiu a posteridade do clã. O nome de Judá teria desaparecido se tamar não tivesse agido desta forma. Agar, por reconhecer seu próprio valor fugiu e, sendo abençoada no deserto, voltou para o clã em nova situação. Ismael nunca foi chamado

16. Originalmente o *Lieber Antiquitatum Biblicarum*, uma espécie de *midrax* judaico do final do primeiro século dC de autoria do Pseudo-Filo. Cf. VAN DER HORST, Tamar na História Bíblica, p. 20, 328-334.

17. MARIANNO, Os/as estrangeiros/as dizem..., p. 44-55.

filho de Sara, embora esta fosse a intenção original de sua senhora. A mesma bênção foi confirmada quando Agar foi expulsa e vagou pelo deserto. Deus fez surgir um povo forte e guerreiro justamente dali, do meio da escassez.

O que todas estas informações nos ensinam é que a família precisa funcionar como um fator agregador na sociedade. Famílias que se desintegram no meio de ciúmes, disputas, injustiças e interesses pessoais de seus membros perdem a sua função social e certamente testemunham uma intervenção de Yahweh contra os poderosos e em favor do mais fraco.

Yahweh usa os desejos dos mais fracos para seguir com seu plano. Por mais que consideremos o quanto as intervenções humanas, no evento ou no texto, mudaram o rumo da história, podemos perceber que a soberana mão de Yahweh estava ali todo o tempo, pronta para abençoar com a mesma generosidade, a um povo diferente de Israel. Pronta para perpetuar a linhagem de Judá até chegar ao salvador Jesus, independente das tentativas de sabotagem do próprio Judá.

Não manda nem homem, nem manda mulher. Quem manda é a soberana mão de Yahweh, agindo através da história. Por isso, “manda quem pode” e quem tem juízo obedece!

Bibliografia

- AVRIL, Anne Catherine. As mulheres judias na genealogia de Jesus segundo Mateus 1,1-17. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, n. 40, p. 161-173, 2001/3.
- CRÜSEMANN, Frank. *A Torá*. Teologia e história social da lei do Antigo Testamento. 2ª ed. Trad. Haroldo Reimer. Petrópolis: Vozes, 2002, 599p.
- DE PURY, Albert (org.) *O pentateuco em questão. As origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*. 2ª ed. Trad. Lucia Orth, Petrópolis: Vozes, 2002, 324p.
- DE VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Trad. Daniel Oliveira, São Paulo: Teológica, 2003, 622p.
- GOTTWALD, Norman. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. Trad. Anacleto Alvares. São Paulo: Paulus, 1988, 639p.
- HUDDLESTON, John R. Unveiling the versions: The tactics of Tamar in Gênesis 38:15. *The Journal of Hebrew Scriptures*. Charleston, Vol. 3, article 7, 2001. <http://www.purl.org/jhs>. Acessado em 30/04/2004.
- JARSCHER, Haidi. Para que a memória histórica de resistência das mulheres seja guardada... (Gênesis 38). *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, n. 32, p. 39-48, 1999/1.
- LOPEZ, Maricel Mena. Corpos (i)maculados. Um ensaio sobre o trabalho e a corporeidade feminina no antigo Israel e nas comunidades afro-americanas. In: STRÖHER, Marga, et alii. *À flor da pele*. Ensaio sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo: EST/CEBI/SINODAL., 2004,

MARIANNO, Lília Dias. Os/as estrangeiros/as dizem: “Yahweh não nos excluirá de seu povo!” – Manifestos contra o imperialismo na teologia de reconstrução. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, n. 48, p. 44-55, 2004/2.

MEYERS, Carol. The roots of restriction: Women in early Israel. <http://home.apu.edu/~geraldwilson//roots.html>. Acessado em 30/04/2004.

PEREIRA, Nancy Cardoso. Maria vai com as outras. Mulheres libertárias libertadoras da Bíblia. *A palavra na vida*. São Leopoldo, n. 114, p. 25-32, 1997.

SCHWANTES, Interpretação de Gn 12-25, no contexto da elaboração de uma hermenêutica do Pentateuco. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, n. 1, 4ª. ed., p. 36-37, 1987.

TEUBAL, Savina. Sara e Agar: matriarcas e visionárias. In: BRENNER. Athalya (org.). *Gênesis a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 259 – 275.

VAN DER HORST, Pieter W. Tamar na História Bíblica do Pseudo-Filo. In: BRENNER, In: BRENNER. Athalya (org.). *Gênesis a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 328-334.

ZENGER, Erich. In: VÁRIOS AUTORES. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003.

Lília Marianno Cruz

Est. Roberto Burle Marx, 9140 casa 12
Restinga da Marambaia – Barra de Guaratiba

23020-240 – Rio de Janeiro – RJ

lilia.marianno@terra.com.br

www.relandoabiblia.hpg.ig.com.br